

## **DE HERÓI DA FEB À HERÓI DOS POBRES**

Comecei minhas andanças pela Cruzada ainda aluno da antiga Escola Preparatória de Fortaleza, hoje Colégio Militar. Havia lá um grupo de oficiais que estudavam o Evangelho Segundo o Espiritismo, aos sábados, à tarde, no gabinete de Física. Nosso comandante era o coronel José Ventura Pinto, mineiro de excepcional paciência e dedicação. Tínhamos, dentre outros, o major Brito Passos, de Física, e o Coronel Felizardo, de Trigonometria, inesquecíveis trabalhadores do bem, além de excelentes professores. Depois vieram os estudos da doutrina no pequeno grupo nas Agulhas Negras. Tenente, em Três Corações, Minas Gerais, senti o verdadeiro gosto da Cruzada dos Militares Espíritas. Quando cheguei lá, em 1964, conheci um grande trabalhador MORBELLO VENDRAMINI. Era um capitão de infantaria, herói da Força Expedicionária Brasileira.

Jamais esquecerei sua história. Ainda sargento, foi convocado para compor o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira. Já era espírita. Horrорizava-se em ter que dar tiro, matar alguém. O horror aumentou quando foi escalado para chefiar o primeiro grupo de combate brasileiro nas terras da Itália. Quando chegasse a ordem, caberia a ele dar o primeiro tiro, matar o primeiro tedesco, como se chamavam os alemães. Vendramini rezava. Sargento de infantaria, treinado, profissional, daria o primeiro tiro a um custo enorme de sua dor indizível de cristão ancorado na Doutrina dos Espíritos.

Naquela madrugada os tiros de artilharia aumentaram terrivelmente. As tropas já sabiam que estava sendo preparado o terreno para o grande ataque, assim que a madrugada se levantasse. Vendramini rezava ainda mais. Pedia coragem para cumprir o seu dever neste mundo de tantas provas, de tantas expiações.

Ao longe, os primeiros alvares da manhã venciam a noite escura e gelada. Neve e sombra, frio e luz que nasciam no dia novo. A cada ribombar do canhão a certeza do tiroteio quase que face a face, que começaria.

Então, Vendramini contava com um sorriso teimoso nos lábios fininhos, ouviu um ruído estranho, alguém que se movimentava com dificuldade na neve enlameada. Era um soldado estafeta. Trazia recado do capitão. O sargento deveria deixar o cabo no comando do grupo e arrastar-se até as fileiras da retaguarda. Quando chegou, quase seis horas da manhã, o capitão apontou o corpo do sargento responsável pelos suprimentos de cozinha, arrasado pelo estilhaço de uma granada. E Vendramini abriu ainda mais os lábios finos, repetindo a ordem do capitão: passar toda a guerra cuidando dos suprimentos, longe da fronteira do tiro face a face, recebendo balaços e estilhaços a toda hora e, sempre que possível, fazer um pouco de comida quente para as tropas exaustas que eram substituídas depois de horas de combate.

“- Passei a guerra toda fazendo comida. Não dei um tiro sequer, embora tivesse muitos ricochetes pelo corpo.”

Enquanto isso, na cozinha da sua casa modesta perto do Parque Infantil, em Três Corações, o antigo sargento fuzileiro, agora capitão reformado, fazia a sopa dos pobres. Mais de 120 pratos de sopa servidos diariamente aos miseráveis de Três Corações. E repetindo uma piada que gostava sempre de contar, Vendramini, ria antes e falava “– O que eu não sabia é que o Senhor me mandou prá guerra aprender a fazer comida pros pobres...”

Foi ali, vendo o velho capitão manobrar a grande pá de madeira, no caldeirão da sopa fumegante, observando os pratos de alumínio lavadinhos, com uma colher e um pedaço de pão em cima, e olhando os miseráveis espalhados no quintal de sua própria casa, que aprendi a amar a Cruzada. À noite, nos reuníamos para os estudos doutrinários. E vinham soldados e sargentos, maiores e capitães. Na verdade, éramos todos irmãos. E isso era tudo: irmãos!

Aí é que eu compreendi o que é a Cruzada dos Militares Espíritas. Aprendi a amar a Cruzada por causa de Vendramini, pelo Cabo Pedro, tocador de pratos na banda do quartel, e sua esposa D. Maria, médium vidente, quase analfabeta, dezenas de filhos e que nos dizia coisas de espantosa sabedoria.

Mais tarde, graças a Vendramini que, nas “horas vagas” vendia bilhetes de loteria para sustentar a sopa dos pobres, graças àqueles heróis anônimos do Cristo, tivemos a nossa sede própria, a Casa da Sopa e Albergue Noturno Capitão Maurício. Lá foram dados os primeiros cursos de auxiliar de serviço social que permitiram surgir, pouco depois, uma das mais importantes obras sociais de Minas, a Casa da Fraternidade.

Hoje, com justa razão, existe em Três Corações um Centro Espírita chamado Capitão Vendramini, herói da FEB, herói dos pobres.

**\*(Texto do Cruzado 4235 - TC Ref Cesar Soares dos Reis)**